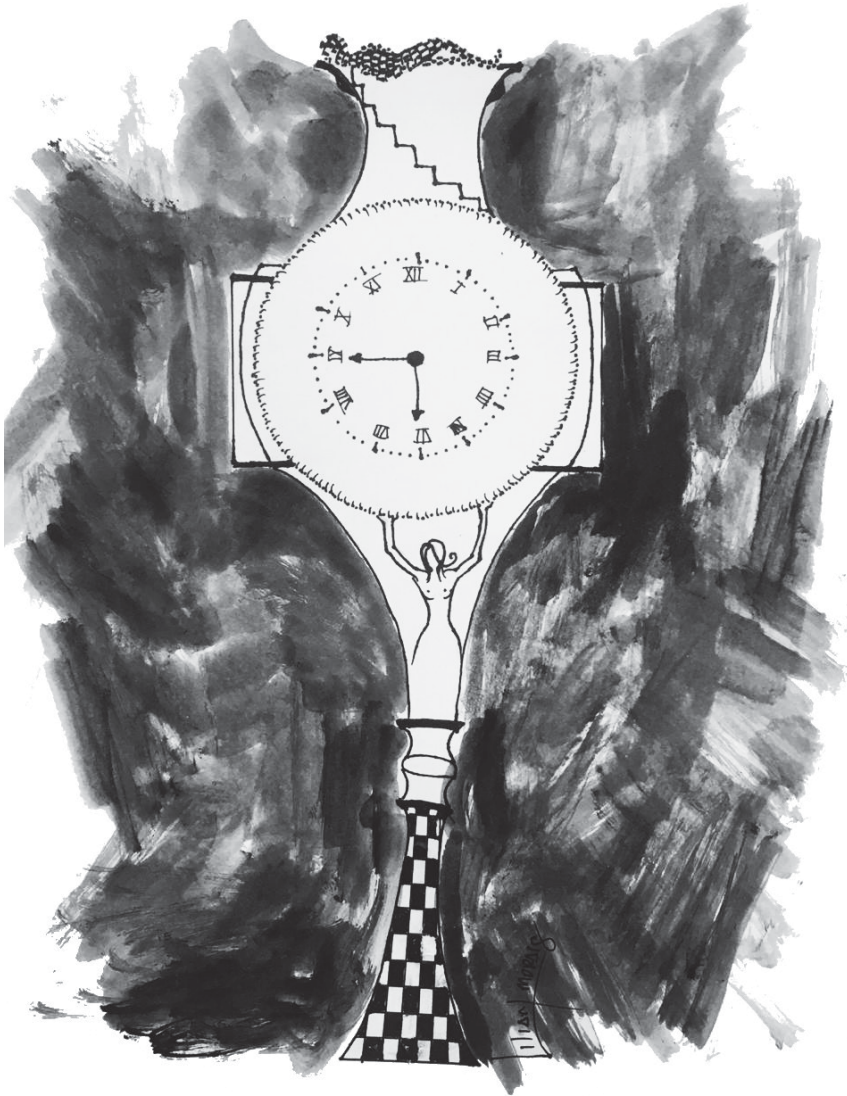


K
A
I
R
Ó
S

VLADIMIR
QUEIROZ

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020




BABEL

A noite gótica sentencia a escuridão que se alastra
como um prenúncio que se aproxima do promontório,
um sacrifício que desafia e instiga a algazarra,
a seguir em frente até compor um ofegante mistério
em meio a um ofertório de dúvidas e armistícios.

No aro do anel uma mistura de metais
a soar pela janela como uma sinfonia de babel.
Eu não sei o que me excita na intriga dos extremos,
se o apreço que te devoto é uma senha que me permite
ao redor da capulana cingir o corpo e a formosura?

No bulício das máscaras no transcorrer da farsa
sinto o peneirar da garça nas águas turvas da fala
para destronar a ossatura das carnes devolutas
em festa de gala e proferir a anuência das línguas
que se digladiam e ofuscam o brilho da clausura.

Com o cinzel a entalhar a carapuça num domingo
ou dia santificado em convenção, a exterminar a nódoa



sob o linho e deslizar pela pele como uma proteção
justa a remover a jaça e revigorar a luminescência
que se espera do cristal em forma casta e resoluta.

Magnus opus anunciam em meio à barbárie os tambores
das trevas ressoados a repicar as vozes sem alento
de um tempo sem remorso sem a glória da pujança
nos cascos hostis, na ponta da lança os desertores
oprimidos. Volvei tempos idos se de saudades vos buscam.

AZIAGO


O chiado que chega de longe
a abalar os alicerces dos prestígios certos,
um presságio nas hostes que seguem
confusas.

Um aziago trôpego a castigar a pele
indefensável.

Enfumaçar de desventura a fala
que embotada e nula segue em desalinho
com os passos, esconde-se em trincheiras pelo caminho.

O chiado que chega de longe
a pervagar as fronteiras do compreensível
vai na garupa para do galope sorver o coice,
desnudar-se no trote.

O chiado que chega de longe
a alma fluida e calma almeja
a purificação de
poder sentar-se junto ao alpendre,



reverenciar o perfume e a flor
pétala por pétala a rolar pelos seios.

O chiado que chega de longe
já consumido pelas horas em provação
repousa a dor do corpo na pelve,
adormece sobre os anseios.


CONDOR

Vai o Condor num grito sobre os Andes
despega uma pena que cai solitária
sobre as escarpas e os vales:
os altares emergem em euforia
como a reverenciar as preces e oferendas.

Imola a criatura ecoa sob o sol
sob a lua sob a chuva sob a chama:
um punhado de sonhos e certezas
a escorrer pelos pés banhar como fractais
o que lhe é caro e ancestral.

Quebra a pedra bruta liberta a beleza
em tom sob tom matizes dos cristais
das cores dos pincéis de Matisse a irradiar
dos olhos os lacrimais do nosso amor.

Vai o Condor plana soberano inerte
num flerte com a trama dos caracóis,
no difícil labor da agulha frente ao ilhó



debulha grão a grão o milho da espiga
tomba por *el trozo del pacillo* e clama.

Tocam surdos tambores e tamborins
escorrem os Lambaris pelas grotas da cordilheira
por uma noite inteira sagram em vigília
talvez o idílio que nos persiga margeando
a copa das imbaúbas até fenecer a dor.

JAZIGO

No jazigo triunfal dos umbigos caídos
em Massada, aos pés de um mar
Morto sem o conforto da fé,
os carneiros vão pelo tanger dos aboios,
resguardam suas dores em meio aos pedregulhos
que espetam a ânsia da voz dos pastores.

Os perigos em meio aos caminhos deitam
em ninhos sem rebentos recebendo a aura
da noite, o gosto torvo do relento.

Mesmo assim sigo sem as setas que indicam
o resguardo necessário
à travessia pelas encostas do tempo
saboreando as trufas brancas selvagens
e arredias
segurando as rédeas da montaria num galope
por sobre os ventos.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Caslon
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em novembro de 2020.
